

AS COMUNIDADES POPULARES (RE)VISTAS PELAS LENTES DE SEUS MORADORES

Bruno Schmidt Alencastro ¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal investigar qual o papel da fotografia (produzida pelos integrantes da Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré) para o exercício da cidadania - cultural e comunicativa - e construção de identidade no ambiente digital. De forma mais específica, compreender como os usos e apropriações dessas fotografias atuam na configuração da identidade desses sujeitos e, por consequência, analisar de que forma a produção e compartilhamento dessas imagens contribuem para o exercício de uma prática cidadã e ingresso no espaço público (mediatizado). O texto aqui apresentado reúne as linhas gerais da fundamentação teórica e uma primeira aproximação/análise do empírico investigado.

Palavras-chave: mediações; recepção; cidadania; fotografia.

Apresentação

“O sensacionalismo, a pobreza e a violência que caracterizam o olhar tradicional sobre as comunidades populares estão longe de dar conta da riqueza da experiência cotidiana vivida nesses espaços” (RIPPER, 2010, online). Instigado por essa reflexão trazida pelo idealizador da *Escola de Fotógrafos Populares*² – e a partir da minha formação em fotografia (teórica e

¹ Fotógrafo e jornalista formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Atualmente, atua como repórter fotográfico no jornal Zero Hora e é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. E-mail: brunoalencastro@gmail.com

² Criada em 2004 pelo fotógrafo João Roberto Ripper, a Escola de Fotógrafos Populares oferece cursos regulares e de aperfeiçoamento fotográfico, tendo como princípio à inclusão visual. O objetivo do curso é o de resgatar a história das comunidades populares e dos processos vividos cotidianamente pelos moradores de diferentes comunidades do Rio de Janeiro, além de estimular a afirmação de sua identidade positiva e dos moradores destes espaços. Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/cursos>>. Acesso: 6 nov. 2011.

prática) –, consegui nortear melhor meus anseios e desejos para trabalhar no desenvolvimento do projeto que desenvolvo no Mestrado. De um lado, as experiências de vida foram me levando a cada vez mais, dentro do curso de Jornalismo, a defender o direito das pessoas exercerem a comunicação e figurar no espaço público. Do outro, também questionava a visão, muitas vezes estereotipada, que a grande mídia faz das comunidades populares. Nas palavras de Ripper (2010, online),

mostrar o belo dessas pessoas e o bonito de suas lutas, para ajudar a sociedade dominante e a classe média a olhar com os óculos da dimensão da inclusão, da beleza e do fazer, é tão revolucionário quando denunciar as injustiças que esse povo sofre. A segregação começa na proibição de se mostrar o belo, a dignidade, a solidariedade, a vida em sua essência.

A partir dessas considerações, busco investigar qual o papel da fotografia (produzida por moradores de comunidades populares) para o exercício da cidadania - cultural e comunicativa - e construção/afirmação de identidade própria. De forma mais específica, compreender como os *usos* e *apropriações* dessas fotografias atuam na configuração da identidade desses sujeitos e, por consequência, analisar de que forma a produção dessas imagens contribuem para o exercício de uma prática cidadã e ingresso no espaço público (mediatizado).

Fundamentação teórica

Desde o início do século XXI, as mídias vêm apresentando uma interconexão cada vez mais intensa entre elas (MALDONADO, 2002). Com o desenvolvimento e popularização da internet a partir da existência de um *browser* (da *World Wide Web*) – desde o ano de 1994 -, esse veículo de comunicação tem se colocado não apenas como uma tecnologia, mas como um revolucionário meio de interação e organização social (CASTELLS, 2001). Nesse contexto, e atentando para um processo de *mediatização* da sociedade, diversos autores³ vêm

³ Entre eles Maldonado (2002), Mata (1999) e Martín-Barbero (1995).

refletindo sobre o espaço central que o campo midiático passou a ocupar na configuração das sociedades contemporâneas. Em outras palavras, isso significa que as mídias instituíram-se com uma matriz produtora e organizadora de sentido (MATA, 1999).

Pensando no caso da fotografia, existem múltiplos lugares nos quais a imagem passou a figurar nesse novo cenário de configuração social. Desde o seu desenvolvimento, passando pelos diferentes suportes da fotografia impressa, até chegar à imagem em movimento (primeiro com o cinema e, mais tarde, com a televisão), a escrita visual se desenvolveu de tal forma ao longo dos últimos séculos que, atualmente, alguns teóricos chegam a definir a nossa sociedade como pertencente a uma “era da imagem”. Com o aprimoramento da técnica de captura da imagem – que hoje é possibilitada por dispositivos cada vez mais baratos, práticos e portáteis –, torna-se difícil imaginar o mundo contemporâneo sem a presença dessa escrita visual. Toda essa disseminação da linguagem visual (publicitária, jornalística, entre outros) vai contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade altamente familiarizada com a escrita iconográfica.

Nesse contexto, surgem experiências como a já referida Escola de Fotógrafos Populares, buscando realizar, através da (agora democrática) fotografia, um trabalho de registro das comunidades populares a partir do olhar “dos próprios moradores, além de difundir outras possibilidades de percepção dos espaços, distinta do olhar tradicional, marcado por sensacionalismo, pobreza e violência” (RIPPER, 2010, online). A partir dessa constatação, torna-se fundamental trabalhar com o conceito de *recepção*, no sentido de considerar que, além de um lugar de chegada, ela pode (e deve) ser pensada também como um lugar de partida, de produção de sentido (MALDONADO, 2002). Aquilo que nos é apresentado pelos meios será visto e/ou lido de diferentes maneiras pelo público receptor. Dessa forma, “é preciso estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura”, uma vez que “a recepção é um processo de interação, de negociação do sentido” (MARTÍN BARBERO, 1995, p. 55).

Compartilho com Maldonado (2002, p. 10) a ideia de que, para compreender os processos comunicacionais contemporâneos, é preciso desenvolver uma articulação entre “processos de midiaticização - como constructos, campo e materializações técnicas - e

processos de mediação - como elementos históricos, sociais, políticos e culturais de base; matriciadores dos jogos, pactos, configurações e produções de sentido”. Isso porque, ao mesmo tempo em que os sujeitos devem ser situados dentro desse ambiente midiático, existem outras instâncias/dimensões para além das midiáticas que também *mediam* a vida das pessoas na nossa sociedade atual – tal como as trajetórias de vida, a família, a religião, só para citar algumas.

Tão importante quanto essa reflexão trazida pelo autor, cabe refletir também sobre as considerações trazidas por Martín-Barbero sobre esta problemática. Para ele, não é possível estudar a comunicação sem pensar, entre outros fatores, no seu papel na reorganização da divisão social. E uma das causas para esse reordenamento social seria, por exemplo, “as novas sensibilidades, os novos modos de relação da juventude com a tecnologia eletrônica diferentemente dos mais velhos, nos quais a tecnologia produz um certo susto e um certo medo” (1995, p. 46). Para isso, no caso dessa investigação, julgo necessário considerar as *mediações* relacionadas aos *usos, apropriações e produção da fotografia*, bem como as competências midiáticas e suas *trajetórias de vida* irão atuar na afirmação dos vínculos identitários e prática cidadã.

Por fim, e não menos importante, encaro as novas tecnologias não apenas como uma acumulação de aparatos, mas como um novo organizador perceptivo, um reorganizador da experiência social (MARTÍN-BARBERO, 1995). E uma das grandes consequências desse processo é pensar na reorganização entre os espaços público e privado na sociedade contemporânea. No lugar das velhas cidades feitas para que as pessoas se encontrassem, “o velho modelo de cidade espanhola ou portuguesa, com belos becos e praças onde as pessoas se reuniam” (como recorda Martín-Barbero), atualmente, parte significativa dos encontros pode se dar no ambiente virtual. Nesse sentido, se colocam como fundamentais as reflexões trazidas por Adela Cortina (2005), Cogo (2006; 2010) Mata (2006) para pensar sobre o conceito de cidadania - entendida enquanto cidadania comunicativa em articulação com sua dimensão cultural. Como proposto por Mata,

si no existen posibilidades de ejercer ese conjunto de derechos y prácticas expresivas, se debilitan las capacidades y posibilidades de los individuos para constituirse como sujetos de demanda y proposición en múltiples

esferas de la realidad, toda vez que la producción de esas demandas y proposiciones resulta impensable sin el ejercicio autónomo del derecho a comunicar, es decir, a poner en común (2006, p. 14)

Ou seja, figurar no espaço público permite aos sujeitos desenvolver a afirmação de sua identidade, em contraponto à versão/visão empreendida pela mídia de um modo geral. Em outras palavras, ter acesso, dominar e estar presente no espaço público significa permitir aos moradores dessas comunidades populares apresentar (nesse caso, através da fotografia) um outro/novo olhar sobre esses ambientes, capaz de

ênfatisar também os sentimentos, os sonhos, o trabalho, o lazer, a diversão, a dor e a alegria. Enfim, a capacidade que as classes populares demonstram, cotidianamente, de resistir e persistir, de fazer da vida uma arte marcada por culturas e práticas diversas, mas que têm em comum a dignidade e a solidariedade (RIPPER, 2010, online).

Fotógrafos populares: imagens e mediações

A representação fotográfica

Entre as contribuições trazidas pelo tcheco Vilém Flusser (1985), ao propor a sua indispensável *Filosofia da caixa preta*, está a noção de que o método de deciframento de uma imagem é resultado de duas “intencionalidades”:

a do emissor e a do receptor. Imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são “denotativas”. Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos “conotativos”. (FLUSSER, 1985, p. 7)

Em outras palavras, o que o autor quer dizer é que aquilo que vemos ao contemplar o mundo através das fotografias não passa de uma representação; ao produzir determinada imagem, “o aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-las em imagens” (1985, p. 19). Interessante essa reflexão para pensar no caso específico dos integrantes e produtores de conteúdo da Escola de Fotógrafos Populares

da favela da Maré, o objeto de estudo da minha investigação, principalmente quando Flusser defende, mais adiante, que “nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente”:

Agem conceitualmente, porque tecnicamente. Toda intenção estética, política, epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem. O aparelho foi programado para isto. Fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas. (p. 19)

Nesse sentido, o fotógrafo atua através de um “filtro” cultural, estético e técnico. Ao seguir esse fluxo intenção-conceito-transcodificação-imagens, a realidade representada pelo sujeito passa a ser construída a partir de “seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológico-estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos” (KOSSOY, 2002, p. 44). Novamente trazendo o exemplo da EFP, é possível perceber claramente a implicação que o contexto situacional tem na produção de imagens pelos integrantes da Escola. O “tom” das fotografias é reflexo do interesse de se romper com um imaginário ideológico-estético preconceituoso acerca das comunidades populares de um modo geral (marcado pelo tráfico, violência, vagabundagem, etc) - nesse caso, em especial, da Favela da Maré. Investimento esse que podemos perceber nas imagens de Ração Diniz, um dos egressos do curso de formação em fotografia:

Fotos 1, 2, 3 e 4 – Documentação fotográfica da Favela da Maré





Fonte: Flickr de Ratão Diniz⁴

Dos meios às mediações

O pesquisador Ronaldo Henn atenta para o fato de que, recentemente, percebemos um crescente fenômeno no Brasil de produção midiática afirmativa, “através da qual comunidades marginalizadas apropriam-se dos aparatos tecnológicos de mídia para imprimirem sua própria lógica na cena cultural” (HENN, 2007, p. 7). Situados nesse já referido contexto de *midiatização*, onde as mídias passaram a ocupar um lugar central na nossa sociedade, essas instituições perceberam que "não se constrói um discurso contra-hegemônico apenas com o público marginalizado. Queremos falar para a periferia e para a cidade, por isso precisamos da grande mídia." (SOUZA, 2006 apud VEIGA; SILVA; COSTA; COUTINHO, 2007, p. 6). Ou seja, não apenas se deram conta da importância de figurar no espaço público midiatizado (como forma de afirmação de seus vínculos culturais/identitários), como, em muitos casos, conseguem fazer isso *pautando* os veículos tradicionais.

É o que podemos visualizar no exemplo da Escola de Fotógrafos Populares. De um lado, a produção fotográfica dos alunos participantes do projeto ultrapassa o limite da sala de aula (privado) e transborda para uma audiência muito maior (público), através dos diferentes canais de comunicação mantidos por eles, tais como página na internet, perfil no *Facebook*, blog, conta do *Flickr*, entre outros exemplos. Dessa forma, mesmo que contando com um

⁴ Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157611956017652>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

consumo pequeno - se comparado aos veículos tradicionais de comunicação - sistematicamente, a imagem construída (nesse caso, da favela da Maré e de seus moradores) começa a ser desmistificada.

Numa abordagem possível, podemos buscar uma aproximação do que foi discutido até aqui com o trabalho de Martín-Barbero (2006, p.289), em especial, quando ele vai dizer que, na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza *comunicativa*:

Isto é, seu caráter de processo de produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor.

Ao mudar de estatuto e assumir também a condição de produtor de conteúdo, é preciso ter a clareza de que serão diversas as *mediações* envolvidas nesse processo. Conforme argumentado anteriormente, a fotografia é fruto de uma série de escolhas que são feitas no momento da captura da imagem (equipamento, ajustes técnicos, enquadramento). Uma dessas dimensões é a intenção do fotógrafo, sabendo que é a partir da motivação/interesse pessoal do fotógrafo que a imagem será construída. Isso significa dizer que a intenção do fotógrafo não apenas é parte constitutiva do processo fotográfico, como também deve ser pensada como uma importante mediação do uso que é dado para a fotografia – por exemplo, seu compartilhamento no meio digital. Trazendo para o objeto investigado, percebemos a intencionalidade tanto da Escola quanto de seus alunos em apresentar um “outro olhar” do contexto onde vivem – diferente da imagem criada e difundida pela mídia em geral.

Não menos importante que a intenção do fotógrafo, a sua trajetória de vida também é uma mediação relevante de ser considerada, uma vez que essa característica trará especificidades quanto à relação que os sujeitos estabelecem com a fotografia, à natureza (conteúdo) dessas imagens. Ou seja, as experiências vividas por cada sujeito nos mais variados contextos/etapas de vida condicionam a sua relação com o fotográfico em diferentes âmbitos. E aqui se torna mais claro e fácil compreender como o cotidiano de trabalho e lazer são temas recorrentes que figuram nas imagens produzidas pelos alunos da EFP. Afinal, esses assuntos fazem parte do dia a dia vivido por eles e, naturalmente, vão aparecer nessas

fotografias. É bem verdade que, ao mesmo tempo, a temática da violência e tráfico de drogas também são retratadas, mas, aqui, desde a ótica de quem enxerga esses problemas de dentro para fora, muitas vezes enquadrando conteúdos que, nem sempre, ganham destaque na grande mídia (excessos praticados por policiais, por exemplo).

Por fim, uma última mediação importante de ser pensada são as competências midiáticas desses sujeitos – aqui pensadas para as mídias em geral, o meio digital e a própria fotografia. Afinal, toda essa disseminação da linguagem visual e os avanços tecnológicos ao longo do último século contribuíram para o desenvolvimento de uma sociedade altamente familiarizada com a escrita iconográfica e os meios digitais.

Considerações finais

A imagem construída pela mídia (seja ela através de narrativas textuais e/ou visuais) acerca das comunidades populares ainda carrega

Uma série de silenciamentos a que segmentos mais marginalizados são submetidos. No noticiário policial, impera uma perspectiva de segurança pública de proteção da classe média. A população mais pobre tende a ser vista como inimiga em potencial. Suas mortes são noticiadas de forma sordidamente replicante: corpos encontrados sem direito à identidade; montanhas de corpos jogados no IML; montanha de corpos enterrados como indigentes (HENN, 2010, p. 10).

Entretanto, no nosso contexto atual, veículos independentes (alternativos), ONGs e projetos sociais desenvolvidos na periferia, como no caso da Escola de Fotógrafos Populares vêm conquistando o seu espaço, especialmente, graças as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital. Mesmo que os números ainda sejam desfavoráveis, trata-se de um passo importante para uma mudança/ruptura sobre a imagem que é construída - e difundida para a população – sobre a periferia.

A experiência de uma escola de fotógrafos dentro de uma dessas periferias (Favela da Maré) é, potencialmente, uma forma de se promover - a partir dos produtos (fotografias)

gerados pelos alunos - aquilo que alguns autores vão chamar de cidadania cultural e comunicativa. Entre eles, Mata (2006, p. 14) nos ajuda a pensar que

Si no existen posibilidades de ejercer ese conjunto de derechos y prácticas expresivas, se debilitan las capacidades y posibilidades de los individuos para constituirse como sujetos de demanda y proposición en múltiples esferas de la realidad, toda vez que la producción de esas demandas y proposiciones resulta impensable sin el ejercicio autónomo del derecho a comunicar, es decir, a poner en común.

Ou seja, figurar no espaço público permite aos sujeitos desenvolver a afirmação de sua identidade, em contraponto à versão/visão empreendida pela mídia de um modo geral. Em outras palavras, ter acesso, dominar e estar presente no espaço público significa permitir aos moradores dessas comunidades populares apresentar um outro/novo olhar sobre esses ambientes, capaz de revelar "a capacidade que as classes populares demonstram, cotidianamente, de resistir e persistir, de fazer da vida uma arte marcada por culturas e práticas diversas, mas que têm em comum a dignidade e a solidariedade" (RIPPER, 2010, online).

Referências

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CORTINA, Adela. **Ciudadanos del mundo**: hacia una teoría de la ciudadanía. Madrid: Alianza, 1997.

HENN, Ronaldo. *Sorry periferia: tensões midiáticas nas fronteiras da cultura*. **Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos/SP, 2007.

_____. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. Xxxx. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0941-1.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

LOTMAN, Iuri. **Cultura e explosão**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**. Rio de Janeiro, n.9, p. 1-23, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19 out. 2011.

MARTÍN BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**. Lima, n. 56, p. 80-90, 1999.

_____. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. VIII(1): 5-15, jan-abr 2006.

RIPPER, João Roberto. O olhar solidário das favelas. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Artigos. Fotografia. 5 mar. 2010. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=651>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

ROSSONI, Rodrigo. Entre documento e expressão: a experiência fotográfica da Escola de Fotógrafos Populares na Favela da Maré. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. 2011, Recife. São Paulo: Intercom, 2011. p. 181-182.

VEIGA, Crislan Fernandes; SILVA, Marianna de Araújo e; COSTA, Maurício Pinto da; COUTINHO, Eduardo Granja. A formação de intelectuais populares na Maré: a experiência da Escola Popular de Comunicação Crítica. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora, MG, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Os métodos: dos meios às mediações. In: MARTÍN-BARBERO. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006, pg. 261-289.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985. 92 p.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. 152 p.